

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês

Propriedade de: Dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e Impresso na Tipografia Figueirense

DIRECTOR E EDITOR

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Tipografia Figueirense
Rua Major Neutel de Abreu

TELEFONE 42211 — Figueiró dos Vinhos

Marcello Caetano

e a valorização das Aldeias Portuguesas

O Presidente do Conselho voltou a falar ao país, na sua terceira conversa de família. Os portugueses são, assim, postos ao corrente das dificuldades a vencer, um processo de participação activa na vida da Nação.

Desta terceira palestra reproduzimos os seguintes passos dedicados ao grande problema da agricultura:

«Entre os problemas nacionais que me preocupam está a situação dos nossos meios rurais. Temos vivido na aldeia de uma agricultura pobre graças à qual, apesar de tudo, se sustenta uma população admirável, de fundas e sãs virtudes. Mas cada vez mais essas pessoas se mostram inconformadas com a sua sorte, à medida que vão conhecendo as comodidades, as vantagens e a segurança do trabalho industrial e dos meios urbanos.

Daí que a gente das aldeias corra para a cidade, onde vem criar graves problemas de alojamento e assistência. E que, nesta Europa nova onde se procura facilitar ao máximo a livre circulação dos homens, tantos procurem, pela emigração, outros países para trabalhar. A emigração dos últimos anos não é fenómeno especificamente português. A carência de mão de obra nas regiões mais ricas do centro europeu atraía, primeiro, argelinos e italianos; depois, os espanhóis; e por fim os portugueses. Como todas as coisas, a emigração tem vantagens e inconvenientes. Mas a partir, de certo limite os inconvenientes serão maiores do que os benefícios. Não podemos deixar-nos sangrar eternamente. O País precisa de energia dos seus filhos.

Como havemos de conseguir estancar, ou pelo menos reduzir consideravelmente, a emigração para o estrangeiro?

Pois melhorando as condições da vida rural. Se tivermos uma agricultura mais rica, associada à indústria e produzindo para grandes mercados, poderá haver trabalho mais constante, melhores salários, previdência e assistência éticas para os trabalhadores. Deveremos evitar a congestão das grandes cidades e fomentar o desenvolvimento de muitos núcleos urbanos por esse país fora. Acelerar a política dos melhoramentos rurais para que as aldeias gozem de comunicações fáceis, disponham de abastecimento de água capaz, e utilizem energia eléctrica... O que nesses domínios ainda temos para fazer, santo, Deus!»

E mais adiante:

«A valorização da província portuguesa e a promoção das populações rurais deve ser obra de todos, e não apenas do Governo. Citei as autoridades administrativas. Não quero omitir a referência a tantos devotados funcionários que sabem fazer dos seus cargos instrumentos de acção útil e oportuna. Nem os professores primários que estão na primeira linha da educação popular, hoje continuada já em muitas terras pequenas, por estabelecimentos de ensino técnico e liceal. Sempre coube aos párocos, também, alta missão formativa. Ainda há por essa província médicos com o espírito do «João Semana». E não pode esquecer-se a multidão dos homens bons que desinteressadamente servem os seus patrícios nos corpos administrativos, nas regedorias, nos grémios, nas casas do povo e em tantas outras funções do interesse público.

Todos estes elementos hão-de ser mobilizados para as tarefas da revitalização do

Continuação na 4.ª página

Visita Pastoral

Aproxima-se o dia 25 de Maio, data escolhida pelo senhor Dr. Fr. Francisco Rendeiro, venerando Prelado da Diocese de Coimbra, para visitar Figueiró dos Vinhos e trazer à sua paróquia a sua bênção pastoral.

Está a ser elaborado o programa da jornada, mas podemos, desde já, adiantar que o Senhor B. spo ministrará o Santo Crisma e haverá pregação nos dias precedentes por distintos oradores sagrados.

Cabe, todavia, à família Paroquial figueirense a responsabilidade do brilhantismo de tão honrosa visita e estamos certos de que a generosidade e fervor religioso da nossa gente, aliadas a um bairrismo nunca desmentido, germinarão em abundantes dádivas, susceptíveis de proporcionar ao Rev.º Arcipreste, P. e Belarmino Soeiro, os meios necessários para preparar a Sua Excelencia Reverendíssima uma recepção à altura das nossas melhores tradições. Consta-nos que não haverá pedidório público e esta circunstância para ainda mais à prova a generosidade de que atrás falamos.

Que todos saibamos compreender e agradecer esta visita pastoral, pelo que ela representa no plano espiritual e social; contribuindo com os nossos óbulos (a entregar ao Rev.º Pároco) para uma festa que todos desejamos seja de dignificação paroquial e exaltação das virtudes cristãs e cívicas da nossa gente.

CASAMENTOS

Na cidade de Leiria, foi celebrado, no passado dia 6, o enlace matrimonial da Senhora D. Liliete Henriques David, funcionária das Caixas de Previdência, prendada filha da Sr.ª D. Fernanda Maria Henriques e do falecido Sr. Américo Fernandes David (Marroquil — Pedrógão Grande) com o nosso conterrâneo Sr. Carlos Augusto Gomes da Costa Alves, distinto empregado bancário entre nós, filho da Sr.ª D. Maria Augusta Gomes da Costa Alves e do Sr. José Conceição Alves, probo comerciante da nossa praça.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a Sr.ª D. Fernanda Dias Mendes Luís e marido, Sr. António Luís; e, por parte do noivo, seus tios, D. Maria José Carmo Gomes da Costa e Sr. Manuel Gomes da Costa.

Após as cerimónias religiosas, os numerosos convidados foram

Continua na 2.ª página

Saúde e Produtividade

Fins do desenvolvimento

Homens e mulheres são essencialmente os criadores de todo o progresso e desenvolvimento porque, sem a intervenção humana, matérias-primas, dinheiro e máquinas não passariam de instrumentos estéreis.

Entre os fins de desenvolvimento estão a saúde e a produtividade. São objectivos recíprocos e complementares. Sem saúde, dificilmente a produtividade pode florescer. Por outro lado, a produtividade pode aumentar os meios e as oportunidades de melhor saúde.

Mas o trabalho, de que a produtividade depende também, tem os seus riscos. Excluindo os acidentes, não é muito provável hoje em dia que os homens sejam fatalmente prejudicados por suas ocupações, como acontecia com frequência em passado não muito remoto.

Entretanto, as condições básicas para a saúde humana podem ser negligenciadas. O pó, o calor, o ruído, as substâncias tóxicas, a fadiga—tudo isso pode minar a capacidade do trabalhador. O tecnocrata, que pensa exclusivamente em função da produção, pode criar tipos de máquinas, que, embora tenham um rendimento brilhante, sejam prejudiciais à saúde. Paradoxalmente também, os esforços irreflectidos para aumentar a produção podem ter o efeito inesperado de reduzir o rendimento em consequência de doença e absentismo.

Um programa de saúde correctamente planeado eliminará esses e outros riscos, ao mesmo tempo que contribuirá para melhorar as condições de trabalho.

A saúde profissional implica a prevenção das doenças e dos acidentes, bem como a melhoria daquelas condições. As máquinas podem ser adaptadas ao homem, em vez de o homem o ser às máquinas. A fadiga pode ser reduzida e a monotonia evitada. Em outro aspecto do problema, o trabalhador pode ser seleccionado para seu trabalho, e capacidades latentes podem ser desenvolvidas.

Médicos, enfermeiras, assistentes sociais, engenheiros sanitários e arquitectos podem todos contribuir para manter o bem estar físico e mental do trabalha-

Assine este Jornal

der.

Mas, tanto nos países desenvolvidos quanto nos que estão em desenvolvimento, onde quer que a industrialização seja um factor poderoso no progresso económico, muito ainda está por fazer.

As doenças profissionais há muito preocupam os governos de numerosos países, mas só depois da primeira Guerra Mundial se reconheceu que os problemas da indústria como a doença, não têm fronteiras e exigem o estabelecimento de padrões internacionais. A Organização Internacional do Trabalho foi, por isso, criada em 1916, e por conseguinte celebra neste ano o seu quinquagésimo aniversário.

A O. M. S. tem a honra de haver trabalhado inteira e frutiferamente com a O. I. T. em muitos sectores, nos quais a saúde e o trabalho apresentam interesses comuns ou paralelos.

Há um ano, a O. M. S. festejou o seu vigésimo aniversário. É portanto, um grande prazer, na oportunidade do Dia Mundial da Saúde no corrente ano, transmitir felicitações a um membro mais antigo da família das Nações Unidas por seus cinquenta anos de continuas realizações.

(Mensagem do Dr. M. O. Cardan)

João Bernardo Coelho

Encontra-se de luto, por motivo do falecimento de seu sogro, Sr. Adelino Luís Caetano, ocorrido na sua residência, em Castanheira de Pera, o nosso prezado amigo, Sr. João Bernardo Coelho, activo comerciante e industrial naquela praça. Endereçamos lhe sentidas condolências que tornamos extensivas a toda a ilustre família enlutada.

Damião Oliveira David

Seus filhos, genros, noras e demais família, vêm por nosso intermédio agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que se interessaram pela evolução da doença do seu saudoso pai, sogro e parente, durante o seu internamento na clínica de Alvalázere, e, bem assim, a quantos se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Legião Portuguesa

Palavras proferidas pelo Senhor Ministro do Interior na sua visita ao Quartel General da L. P.

Sr. Ministro da Defesa:

O Senhor Almirante Tenreiro, Presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, teve a gentileza de me informar de que Vossa Excelência vinha visitar este Quartel General da Legião. E logo fiz o propósito e lhe comuniquéi o desejo que tinha de aqui estar, para lhe fazer companhia e lhe agradecer a simpatia que tem por esta casa, e que já vem de muito longe, e também, de me regozijar pelo facto de o Ministro da Defesa, a quem realmente pertence o encargo maior de guardar a Nação, naquilo que ela tem de mais precioso, a sua integridade, a sua liberdade, e que tem sob a sua orientação todos os departamentos que servem a essa finalidade não esquecer que nesta casa se guardam como virtudes mais ricas, como aspirações mais vivas, essas mesmas de nesta hora, tão grave mas tão alta da nossa vida colectiva, poder dar a sua colaboração ao Departamento que enquadra, precisamente, todos esses anseios, todas essas aspirações.

O Ministro do Interior tem, portanto, neste momento, um grande prazer, em saudar Vossa Excelência, e em saber que vem aqui, não apenas por cortezia, mas também interessado, vivamente interessado, em que a Defesa Civil do Território, que está entregue aos cuidados da Legião, receba da sua palavra e da sua orientação uma ajuda decisiva, para que possa ser realmente um serviço eficiente.

A Defesa Civil deve preparar o espírito das populações, a alma de todos os portugueses para vibrar no momento em que tocar uma sereia, quando surgir uma situação de emergência, respondendo, acudindo, obedecendo.

Além destas palavras que eu queria dizer a Vossa Excelência, Senhor Ministro da Defesa, porque aqui estou e porque me sinto bem entre os legionários, também eu queria por meu lado dar-lhes outra palavra.

Parece-me que se interpreta bem o momento político que vivemos, lendo a mensagem do Senhor Presidente do Conselho, quando tomou conta do Governo, para que as nossas decisões sejam tomadas em obediência às palavras que ele pronunciou como regra de acção—continuidade se tiver no seu ventre a evolução; de outro modo, não continua, pára, estagna.

A continuidade supõe a evolução; natural. O regime carece de constante adaptação para se realizar, para poder, efectivamente, ser aquilo que queremos que seja, que continue a ser. Estas directrizes não são mais do que a continuação do pensamento do Doutor Salazar, cuja perspectiva de algumas dezenas de anos tem sido dia a dia confirmada como profética revelação da nossa mais vigorosa expressão nacional.

Temos de considerar as palavras do Senhor Presidente do Conselho para definir a nossa linha de conduta e definir a

missão do nosso Departamento. A missão a cumprir traduz-se no alargamento da base política do regime, que não é também diferente daquela que o Doutor Salazar mais de uma vez indicou.

O Governo não vive sem o apoio da Nação. Tem de sentir que a sua acção está realmente projectada em toda a parte. O Chefe do Governo há-de sentir que a Nação apoia a sua presença, o seu caminho, que considera a sua personalidade como encarnando, realmente, a vontade que o povo precisa de ver à sua frente para caminhar. Não há nada que não precise de um comando. O Chefe é indispensável a uma Nação e o Rei fraco é a maior tragédia que pode acontecer a um povo. Pois temos de facto um Chefe de Governo e precisa o Chefe do Governo que a Nação lhe dê a segurança de que está com ele, de que realmente o apoia, de que realmente está solidária com o seu desejo de bem-fazer.

E' preciso alargar realmente a base política do Regime, levando à maior quantidade possível de portugueses esta mensagem, reconhecendo no Chefe do Governo a pessoa que orienta a política da Nação.

E isto não é difícil, meus Senhores.

Tem-se verificado que é fácil. Eu lembro-lhes apenas as três ou quatro viagens do Senhor Presidente do Conselho, praticamente sem preparação:—o carinho com que o Ribatejo, a Beira, o Alentejo, o Algarve, todas as regiões por onde tem passado, receberam o Senhor Presidente do Conselho, mostra como a Nação compreende a sua direcção e o seu comando.

Nisto há, também, uma prova de educação política. 40 anos de Regime criaram uma disciplina que conduziu a considerar que o Chefe do Governo é o poder, a plataforma da autoridade. Essa plataforma pré-existente traduz-se nisto, no dito do homem simples da minha aldeia: o Doutor Marcelo Caetano foi para Salazar.

Esta naturalidade, esta maturidade, é, realmente, a força do Regime, de que nós temos de ter consciência e que não podemos desperdiçar.

Faz-me impressão que esta realidade não seja pressentida com toda a segurança por alguns sectores responsáveis.

Em volta do Chefe do Governo está, neste momento, o interesse nacional.

O Sr. Presidente do Conselho visita o Ultramar

Está a decorrer apoteoticamente a visita do Senhor Prof. Dr. Marcelo Caetano à Guiné, Angola e Moçambique.

Na realidade, são inequívocos os testemunhos de portuguêsismo que por toda a parte se têm repetido, demonstrando ao mundo assombrado a realidade da nossa sociedade pluricontinental e multirracial. Desta histórica viagem resultará, por certo, ain-

Lúcia conta a morte do Francisco

Continuação da 4.ª página

—O Senhor Prior ainda me trará outra vez «Jesus escondido»?

—Não sei—respondeu a Senhora Olímpia.

Depois voltando-se para a irmãzinha:

—«Hoje sou mais feliz do que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido».

A Jacinta fez-lhe as últimas recomendações:

—«Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto eles quanto Eles quiserem para converter os pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria».

«Este dia—continua a Lucla—passei-o quase todo com a Jacinta, junto da sua cama. Como já não podia rezar, pedi-nos que rezássemos nós o terço por ele. Depois disse-me:

—Decerto no céu vou ter mais saudades tuas! Quem deira que Nossa Senhora te leve-se também para lá em breve...

Já de noite despedi-me dele: —Francisco, adeus! Se fores para o céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?

—Não te esqueço, não, fica descansada.

E agarrando-me a mão direita apertou-me com força por um bocadinho, olhando para mim com as lágrimas nos olhos.

—Queres mais alguma coisa? —perguntel-lhe com as lágrimas a correr-me também já pelas faces.

—Não — respondeu-me com voz sumida.

Como a cega se estava a tornar demasiadamente comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto.

—Então, adeus, Francisco! Até ao céu!

—Adeus! até ao céu!

E o céu aproximava-se; para lá vouu nos braços da Mãe celeste».

No dia seguinte, primeira sexta-feira do mês, pela manhã, exclamou:

—O' Minha mãe, que luz tão bonita, ali, junto da janela!

Passados alguns momentos:

—Agora já não vejo.

Pouco depois o seu rosto iluminou-se com um sorriso angélico e, sem agonias, sem uma contracção, sem um gemido, expirou docemente. Tinha 10 anos e quase 10 meses.

A suavidade da sua morte não passou despercebida e quantos estavam presentes, dum modo especial aos pais. A mãe declarou no Interrogatório Oficial:

—Deu um ar de riso e ficou-se, que nunca mais respirei.

Com a mesma naturalidade falou o Pai:

—Morreu a sorrir-se.

Não lhe tinha prometido poucos dias antes Nossa Senhora, quando naquele mesmo quarto lhe apareceu na presença da Jacinta, que o viria em breve buscar para o Céu?

Não seria devido à sua presença santíssima aquela luz, que fascinou o olhar do Francisco e aquele sorriso que se lhe estampou no rosto, ao morrer?

da maior coesão nacional, e, oxalá, constitua boa lição para os cépticos,

Bombeiros Voluntários

Continuação da 4.ª página

presentar pelos seus elementos, directivos, Comando, Corpo Activo e Fanfarras no 18.º Congresso dos Bombeiros Portugueses, que se realizou em Lisboa, por altura das jubilosas Comemorações do 1.º Centenário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

A nossa representação desfilou garbosamente, integrada no Desfile dos Bombeiros Portugueses, e mereceu os mais rasgados elogios da população lisboeta e da própria imprensa, o que muito nos desvanecia a honra.

6—A Direcção e comando, acompanhados do senhor presidente da Câmara Municipal do nosso Concelho, foram recebidos em audiência pelo Ex.mo Inspector de Incêndios da Zona Sul, que nos cumulou de deferências e, anuindo a uma solicitação nossa, participou com 200 000\$00, a conceder no triénio 1969/1971, para aquisição de uma moderna e funcional viatura Auto-Nevoeiro, já encomendada e que deve ser entregue à Corporação até ao fim do corrente ano ou no princípio de 1970. Esta unidade vai enriquecer extraordinariamente o nosso Parque de Viaturas, e constitui um moderno e eficiente meio de combate ao fogo, cuja falta muito se fazia sentir no nosso meio.

7—No aspecto financeiro, e como do mapa que se segue melhor se verificará, a vida da Corporação decorreu com perspectivas animadoras, já que tendo ascendido a 97 398\$10, as receitas, as despesas atingiram o montante de 34 721\$00, do que resulta um saldo positivo de 62 677\$00, a transitar para o ano de 1969.

8—Terminamos este breve Relatório, que sintetiza em si o que foi a vida da nossa Associação de 1968, fazendo as seguintes propostas:

a) — Que se consigne em acta um voto de justo louvor ao ilustre Comando e distinto Corpo Activo da nossa Associação, que bem esteve à altura da sua alta missão;

b) — Que se consigne também em acta um voto de perene agradecimento ao Ex.mo Inspector de Incêndios da Zona Sul, ao Ex.mo Presidente da Direcção da Liga dos Bombeiros Portugueses, à Ex.ma Câmara Municipal deste Concelho, a todas as demais Entidades e pessoas que colaboraram com a nossa Associação em 1968, sem esquecer aqueles que contribuíram com o seu esforço e os seus donativos para o retumbante êxito das nossas Festas e das nossas realizações;

c) — Um voto de justo apreço e muita gratidão à imprensa local, regional e nacional, pelo acolhimento simpático que sempre dispensou, também, a todas as realizações da nossa Corporação, tornando-a mais conhecida e apreciada, e

d) — Finalmente, que os actos da nossa gerência, neles se incluindo as contas do ano de 1968, sejam aprovadas por esta Assembleia Geral, já que a Direcção em tudo agiu com entusiasmo, com dedicação e acendrado bairrismo, administrando os dinheiros da Corporação com todo o escrúpulo e austeridade.

E assim, a Direcção signatária, cumprimentando respeitosamen-

Visitas

Visitaram esta Redacção:

—O Sr. Manuel Simões Abreu que propôs como assinante seu cunhado, Sr. José da Conceição Ferreira, residente em Lourenço Marques;

—Visitou-nos igualmente o Sr. António Coelho que pagou a sua assinatura e a de seu cunhado Armindo da Conceição Coelho residente na Beira-Moçambique.

Bem-hajam!

Casamentos

Continuação da 1.ª página

obsequiados com um fino copo d'água num Hotel Leiriense o qual decorreu em ambiente de maior animação. Aos brindes, o coiega do noivo, Sr. José da Conceição Simões, enalteceu as qualidades dos noivos, desejando-lhe as maiores felicidades. «A Regeneração» saúda o nável casal, endereçando-lhe votos sinceros dum lar pleno de bênçãos divinas.

* * *

Em Torres Novas, realizou-se, no mesmo dia, o casamento da Senhora D. Isabel Maria Antunes Alho, extremosa filha da Sr.ª D. Deolinda Antunes dos Santos e do Sr. Manuel Alho, com o Sr. Albano Ventura dos Santos, zeloso empregado de escritório nesta vila; filho da Sr.ª D. Isaura da Soledade Ventura e do falecido Sr. José da Conceição Santos.

Apadrinharam, pela noiva, a Sr.ª D. Aurora dos Santos e o Sr. José Augusto Faria da Silva; e pelo noivo, a Sr.ª D. Matilde Coelho Henriques da Conceição e o Sr. Manuel Henriques da Conceição.

Ao jovem casal, cujas qualidades de carácter são penhor dum lar feliz, apresentamos calorosos parabéns.

Relatório e Contas do

Banco Português do Atlântico

Chegou até nós o Relatório e Contas do B.P.A., relativo ao exercício de 1968.

Do cuidado e circunstanciado documento infere-se o movimento de crescente expansão daquela remeçada instituição de crédito.

De salientar a elevação do capital e reservas para 900 mil contos.

O volume dos depósitos duplicou nos últimos 5 anos!

Neste esforço de crescimento desempenhou papel activo a agência de Castanheira de Pera do B.P.A. na pessoa de cujo gerente, Sr. José Silva Resende, saudamos o digno Conselho de Administração pelo êxito conseguido neste exercício.

te todos os seus consócios, lhes presta contas da sua actividade e espera para ela o beneplácito desta magna Assembleia.

Assine este JORNAL

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa LuziaDE *A. E. Campos*

Telefone 42129

Figueiró dos Vinhos

Stand de Automóveis e Camions

— em —

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

— de —

Barreiros (Irmãos), L.^{da}

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN e camiões BARREIROS e DODGE, bem como da famosa marca de Scooters VESPA

Automóveis usados de todas as marcas com garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automóveis

Automóveis de Aluguer

Telefone 42184

Apartado 12

Aníbal Pereira Gregório & Filho, Lda.

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 784

Campelo—Fontão Fundeiro

Mobiladora Tomarense

— DE —

Fernando Mendes

Sempre grande sortido em Mobílias Completas, de todos os estilos, Colchoaria e Móveis avulso aos melhores preços

Os móveis vendidos nesta Casa são entregues em casa da cliente sem qualquer encargo para este

Aven. Torres Pinheiro, 60-62

TELEFONE 33354

TOMAR

Sementes ImportadasDirectamente da **Holanda**

CENOURA DE NANTES

NABO BOLA DE NEVE

NABO DE 60 DIAS

CASA DAS SEMENTES
Praça da República, 7

TOMAR

Agência Central de Contabilidade

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

a cargo de

António da Conceição Campos

Equipada com Técnicos de Contas inscritos na D. G. C. I. e sistema mecanizado

Executa toda a escrita comercial ou industrial

Materiais de Construção**Sempre aos melhores preços**Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, *Martingança*, Tubo, de Ferro Galvanizado, Chumbo Grês e Plásticos**Material para casa de banho**

Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmaltados, Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos, Lava Roupas, Torneiras, etc.

FERRAGENS

Pás de Bico e Quadradas, Picaretas, Forquilhas para Cascalho e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro, um completo sortido de Fichas, Fechos, Fechaduras, Pregaria, Redes de Arame, Tintas, O'leos, Vernizes, Telhas, Tejolos e Adubos

Farinhas CUF - Sanders**Material eléctrico****A. Ferreira Leitão**

TELEFONE 42171

= Figueiró dos Vinhos =

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Doenças da boca e dentes

Consultas { 2.^{as} 4.^{as} e Sábados das 9 às 12 horas
5.^{as} e Sábados das 15 às 18 horas

Telefone 42418

Figueiró dos Vinhos

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos—TEL. 42313

Escritório em: **Pedrógão Grande**

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

42211 é o Telefone da**Tipografia Figueiroense**

Confiar os seus trabalhos tipográficos a esta casa é ter a certeza de ficar bem servido

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Trespasse

Trespasse-se o estabelecimento que foi de Luis da Silva Feitor ao Barreiro, nesta Vila. Tratar com os herdeiros.

Empregado

Precisa-se para Serração, Preferência que saiba soldar serras e trabalhar com plainas.

Farmácia**Vende-se**

A de Cabaços, concelho de Alvaiázere.

Trata: Ferreira da Gama.

ALVAIÁZERE

SEGUROS

Em todos os ramos

Trata:

*Victor Camoegas***Vende-se**

PRÉDIO, Frente à Fábrica de Manuel de Freitas Lopes—Junto à Estrada Nacional.

Intorma Adelino Fernandes.

Chavelho—Figueiró dos Vinhos.

CAMISAS**MARFEL****CHAPÉUS****AJAX (para homem)****GRAVATAS****TERYLENE (vários padrões)**

Exclusivos de

J. Gonçalves

Figueiró dos Vinhos

GRANADADrogaria — Perfumaria
Brindes

Utilidades Domésticas

Grande e variado sortido aos melhores preços.

GRANADA

Um estabelecimento moderno que rivaliza com os melhores do País.

Rua Dr. António José d'Almeida

Telef. 42185

Figueiró dos Vinhos

Assine este Jornal

Bombeiros Voluntários

Relatório da Gerência referente ao Ano de 1968

No passado dia 30 do mês findo, efectuou-se na Sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários uma Assembleia-Geral, para discussão e aprovação do relatório de contas da Gerência do ano findo e votação e eleição dos novos corpos gerentes para o corrente ano.

Durante a sessão o Ex.^{mo} Presidente da Direcção da Humanitária Associação, Senhor José Guerreiro Machado, leu o relatório da Gerência referente ao ano findo que a seguir transcrevemos e onde se aprecia o trabalho exaustivo, digno dos maiores elogios levado a cabo no decurso da gerência.

Procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes para o corrente ano, sendo aprovada por unanimidade, a única lista proposta com a seguinte constituição:

Assembleia-Geral

Presidente—Francisco Rodrigues Ferreira; Vice-Presidente—Dr. Henrique Vaz Lacerda; Secretário—João David Campos.

Direcção

Presidente—José Guerreiro Machado; Vice-Presidente—Lúcio Lopes dos Santos; Tesoureiro—José Rosa Arinto; Secretário—Fernando dos Santos Conceição.

Conselho Fiscal

Presidente—Dr. Joaquim Alves Tomaz Morgado; Vogais—Vasco da Conceição Silva e João Símões Rodrigues.

Relatório

Prezados consócios:

A Direcção signatária eleita para gerir os negócios da nossa humanitária Associação no ano de 1968, cumpre o grato dever de vir prestar contas do seu mandato, que procurou desempenhar com o maior interesse e carinho, a bem e para bem de Figueiró e do seu meritório Corpo de Bombeiros Voluntários. Assim:

1.—Continuou o Corpo Activo a merecer a melhor confiança da Direcção, pelo que tem pleno juízo aos mais rasgados elogios, já que todos os seus elementos se excederam em dedicação e amor aos sagrados princípios que norteiam os verdadeiros Soldados da Paz, sendo brmosos, abnegados e disciplinados no cumprimento do seu dever, o que nos apraz consignar aqui, para público conhecimento.

Durante o ano de 1968 consolidou-se a estruturação que o novo Comando iniciara no fim do anterior ano, em bases mais eficientes e organizadas: além disso houve animadoras entradas de pessoal e fizeram-se exames de promoção e admissão, contando hoje a Corporação com um número satisfatório de elementos.

2.—Por iniciativa do Comando, criou-se e organizou-se com pleno brilhantismo a Fantaria da Corporação que, garbosa e imponente, se apresentou a público nesta vila, no dia 26 de Maio, a quando da Festa da Corporação, para apresentação

da Escola de Aspirantes.

Tal foi o acolhimento dispensado à Fantaria, que a breve trecho o seu êxito era conhecido em toda a Região e a sua apresentação era solicitada em vários concelhos vizinhos, tendo desfilado na Serfã, em Pedrógão Grande, em Ansião, em Arega e em outras localidades, ante os aplausos do público que, deslumbrado, não se cansava de tecer os maiores elogios à nossa Corporação.

De igual modo se deslocou a Lisboa e ali desfilou, integrada no Desfile das Corporações Portuguesas, tendo ali sido também imensamente aplaudida e apreciada.

3.—Como acima se referiu, realizou-se em 26 de Maio a Festa de apresentação, da Escola de Aspirantes, que decorreu com o maior brilhantismo, tendo havido desfile, missa, provas desportivas, simulacro de incêndio no edifício dos Paços do Concelho e, como nota de alto significado, a imposição de medalhas da Liga dos Bombeiros Portugueses a diversos elementos directivos e do Corpo activo e a dedicados amigos da nossa Corporação, cerimónia que decorreu em ambiente de reconhecida gratidão pelos Serviços prestados à Corporação pelos cidadãos assim distinguidos.

4.—Em Julho realizaram-se novamente as tradicionais Festas da Feira de São Pantaleão, agora em novos moldes e com retumbante sucesso espectacular e financeiro, sendo muito aplaudidas e apreciadas pelo público.

A organização destas festas foi imensamente trabalhosa e cansativa, mas a verdade é que aqueles que a elas meteram ombros jamais olharam a sacrifícios e conseguiram, ao cabo e ao resto, apresentar um belo cartaz de propaganda da nossa Terra e dos seus Bombeiros.

As contas finais das Festas não se encontram ainda encerradas, o que acontece por motivos estranhos à vontade da Comissão Organizadora, mas é deveras encorajador poder afirmar desde já que do seu produto se encontra já depositada à Ordem desta Associação a quantia de 60 000\$00, tendo aquela Comissão chamado a si o pagamento de diversos encargos da Corporação, pelo que o resultado final será compensador de tanta cansa e de tanto entusiasmo.

5.—A Corporação fez-se re-

Continua na 3.ª página

DE LUTO

Encontram-se de luto, por motivo do falecimento de seu sogro, Sr. Serafim de Abreu, ocorrido em Angola, onde residia há largos anos, os nossos prezados assinantes, Srs. Drs. José Emídio de Figueiredo Medeiros, e Manuel dos Santos Serra, respectivamente, advogado e médico em Avelar e Albufeira.

A estes nossos ilustres Amigos, a suas Ex.mas Esposas e demais família enlutada apresentamos a expressão do nosso mais sentido pesar.

Marcello Caetano

e a valorização das Aldeias Portuguesas

Continuação da 1.ª página

mando rural. Com espírito de boa vontade, com intuito de colaboração e sem se deixarem ir, as primeiras dificuldades, no pendor do desânimo, da crítica e do derrotismo.

Estamos numa viragem muito grave da agricultura. A lavoura acha-se em vias de deixar de ser aquela actividade tradicional cujos produtos se destinavam, na maioria, a ser consumidos tal como eram colhidos. Cada vez mais a agricultura tem de se aliar à indústria de modo a transformar, os produtos da terra noutros, de maior valor que depois são postos à disposição do público nos sítios onde mais convém, mediante comercialização adequada. Por isso um dos nossos mais distintos economistas agrários escreveu que «deixou de ser possível pensar em agricultura sem imaginar a coexistência de um estilo de indústria e de uma gama variadíssima de serviços. E além de tudo não pode pensar-se em qualquer sistema integrado sem ter em conta também, o consumidor...»

Esta é uma das razões pelas quais se torna mais que duvidosa a conveniência, a utilidade e a oportunidade de transformar a actual Secretaria de Estado da Agricultura num Ministério concebido como bastião, donde os lavradores possam enfrentar os torresões, inimigos da Indústria e do Comércio, naturalmente erigidos também em departamentos independentes, o que no nosso País significa: hostis. Temos uma organização que continua a afigurar-se-me a mais adequada aos tempos presentes, e até ao futuro: as secretarias de estado, da agricultura, do comércio e da indústria são verdadeiros ministérios, pois os secretários de Estado possuem todos os poderes administrativos dos ministros. Mas acham-se integradas num conjunto onde se detine a política económica e se assegura a sua execução harmónica. Na recente remodelação ministerial procurou-se tornar mais efectiva a coordenação de modo a abranger as finanças. Tudo no propósito de acelerar as acções de que depende o desenvolvimento da nossa economia que se não compadece com particularismos entorpecedores».

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Lúcia conta a morte do Francisco

O Francisco adoeceu com a epidemia bronco-pneumónica, em Outubro de 1918. Depois de algumas melhoras, recaiu com maior gravidade a 23 de Dezembro desse mesmo ano. No princípio de Abril de 1919 compreendeu que o seu fim se aproximava e suplicou ao pai fosse chamar um sacerdote para o confessar e lhe dar o Sagrado Viático.

Na manhã no dia 2, pediu a sua irmã Teresa que fosse chamar Lúcia, a quem damos a palavra:

«Um dia, de madrugada cedo, sua irmã Teresa vai chamar-me; —Vem cá depressa. O Francisco está muito mal e diz que te quer dizer uma coisa!»

Vesti-me à pressa e lá fui. Pedi à mãe e irmãos que saíssem do quarto, que era segredo e que me queria. Saíram e ele disse-me:

—E' que me vou confessar para comungar e morrer depois. Querias que me disseses se me vistes fazer algum pecado, e que fosses perguntar à Jacinta se me viu fazer algum.

—Desobedeceste algumas vezes à tua mãe—lhe respondi—quando ela te dizia que te deixasses estar em casa, e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.

—E' verdade, tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.

Lá fui e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me:

—Olha, diz-lhe que antes de de Nossa Senhora aparecer, roubou um tostão ao pai para comprar o realejo ao José Marto da Casa Velha, e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boleiros, ele também atirou algumas.

Quando lhe dei este recado da irmã respondeu:

—Se calhar é por causa des-

tes peccados que eu fiz, que Nosso Senhor está tão triste! Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora eu estou arrependido.

E pondo as mãos, rezou a oração:—O' meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem.

Olha, pede tu também a Nossa Senhora que me perdoe os meus pecados.

—Peço sim, está descansado. Se Nosso Senhor nos não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora ainda outro dia à Jacinta que te vinha buscar muito breve para o Céu. Agora eu vou à missa peço a Jesus esgondido por ti.

—Olha, pede-lhe para o senhor Prior me dar a comunhão.

—Pois sim!...

Quando voltei da Igreja, já a Jacinta se tinha levantado e estava sentada na cama. Logo que o Francisco me viu perguntou-me:

—Pediste a Jesus escendido para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão?

Pedi...

Deixei-os e fui para as minhas ocupações diárias de trabalho e escola. Quando voltei à noite, estava já radiante de alegria. Tinha-se confessado e o Senhor Prior tinha prometido trazer-lhe no dia seguinte a Sagrada Comunhão.

Naquela manhã de Primavera, dia 3 de Abril de 1918 primeira quinta-feira do mês, Jesus desceu ao coração puro e inocente do seu humilde pastorinho, que se demorou em fervorosa acção de graças cerca de meia hora. Ao despertar daquele doce enleio, radiante de alegria e com ansiedade, pergunta à sua mãe:

Continuação na 2.ª página

PEDRADAS

Tem rodado o tempo em vão
Sem que a minha pobre lira
Troga à REGENERAÇÃO
Versos à minha invenção.

Pedradas? Quem me as atrai?
—Eu sei que tendes razão,
Eu sinto-as no coração,
Mas perdão a quem me fira.

Palavra linda é «perdão»,
Mais linda, talvez, que «amor»

Seja, porém, como for,
«Boa filha a casa torna»:
—Meu trabalho continua,
Vou afinar minha lira.

—Deixai as pedras na rua,
Que a pedrada não adorna
A alma de quem a atrai,
Mórmente se esconde a mão.

FRANCISCO PIRES